



Da Beleza ou o Sistema Nervoso dos Peixes

Alexandre Pieroni Calado

Texto

Adaptação de Lenz de Georg Büchner.

Direcção

António Januzelli e Carlos J. Pessoa.

Actuação

Alexandre Pieroni Calado

Fotografia

Mayrã Azzi.

Da Beleza ou o Sistema Nervoso dos Peixes

Trata-se do terceiro momento de criação de um processo em parceria com o encenador António Januzelli, de São Paulo, e que contou com a colaboração de Carlos J. Pessoa, de Lisboa. Desenvolveu-se uma dramaturgia com materiais de Georg Büchner, estruturada pela novela Lenz, à qual se colaram fragmentos de cartas, passagens de textos filosóficos e trechos de monólogos das peças A Morte de Danton e Woyzeck, seguindo um critério de associação e desvio. Experimentaram-se processos dramaturgicamente bastante diferentes com cada encenador: o progressivo estabelecimento do roteiro ao longo de improvisações com António Januzelli e o pragmático delinear do guião na mesa com Carlos J. Pessoa levaram o actor por percursos distintos à construção do texto final. Elaborou-se, conjuntamente, um diário de anotações que se parece com o contar da história dos vinte dias da estadia do poeta Jakob M. R. Lenz, nos Vosges da Alsácia, no Inverno de 1778. No percurso pela montanha entrelaçaram-se depoimentos sobre a potência elementar da natureza, sobre a superação da perda, sobre a fugacidade e a beleza da vida, num esquema que não é alheio ao do rapsodo. Contudo, as vozes cruzam-se sem uma sempre clara distinção entre personagens, narrador e autor, materializando a noção de que todos somos múltiplos e desafiando o espectador a confrontar-se com algo próximo da experiência interior de um pensamento em deriva.

As diferenças na encenação observaram-se também na relação dos encenadores com o trabalho do actor em cena: enquanto António Januzelli acompanhou intensamente os ensaios e os diferentes momentos do processo, instilando a sua visão na actuação, Carlos Pessoa foi mais parcimonioso na sua presença, preferindo dar espaço para que o trabalho do actor se desenvolvesse com autonomia. Também as opções de economia da cena foram distintas, com o encenador brasileiro a enfatizar a austeridade de materiais plásticos e o director português a construir momentos a partir de imagens e objectos. Perante a necessidade de estabelecer vizinhanças, diria que a direcção de António Januzelli se aproxima da via negativa de Jerzy Grotowski e que a de Carlos J. Pessoa é algo próxima da estratégia constutivista imagem-movimento-texto de Bob Wilson. Coincidentemente, ambos se interessaram pelo acaso e os materiais encontrados, tanto um como o outro enfatizaram a relação entre arte e vida, os dois quiseram ver respeitada a singularidade do actor. Com ambos, houve oportunidade de conversar, de discutir e de reflectir sobre modos e o sentido de fazer teatro nos nossos dias.

Trabalhou-se em espaços amplos como uma sala de paredes brancas para aulas de dança ou um depósito improvisado na biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa e em espaços muito pequenos como o porão do Espaço Viga, em São Paulo; de todos, o espaço onde apresentámos no Teatro Taborda é o que mais intensas ressonâncias tem com a proposta. Este trânsito por diferentes espaços forçou a sucessivas negociações, nem sempre pacíficas, com os materiais que compõem a nossa proposta, tanto no que concerne à movimentação, como ao gesto e ao olhar, além dos aspectos associados à palavra e à voz e daqueles outros relacionados com a explicitação e natureza do discurso interior. Além disso, a passagem por diferentes espaços de apresentação revelou também quanto o espaço influencia a recepção, posto que enquadra não apenas o desempenho mas as próprias condições de apreciação, um ponto particularmente pertinente posto que nenhum dos espaços se configura por uma relação convencional palco-plateia. Norteou-nos a procura do encontro e a criação de condições para que quem vem ao teatro testemunhe e frua de forma activa este nosso pequeno e generoso gesto.

A presença do público em diferentes momentos do processo foi decisiva ainda para uma mais firme tomada de consciência da forma que o trabalho estava a assumir. Fez sentir quanto as categorias dramáticas tradicionais de personagem e conflito continuam a estruturar as expectativas e quanto pode ser complicado para o público ultrapassar a dificuldade de ter que procurar novas ferramentas para apreciar. Ao longo deste processo foi feito corpo com estes materiais, ainda não é muito fácil falar sobre o processo, as palavras ficam sempre aquém do que desejamos dizer. Este percurso levou o actor a zonas de intensidade e fê-lo experimentar estados corporais fora do estritamente quotidiano, conduzindo-o por uma exploração de territórios vocais e de estratégias enunciativas inabituais. Foi ainda um mapeamento e uma reescrita desse território movediço e de penumbra que é o imaginário, o qual espregueia e apenas se deixa intuir nos gestos e nas palavras.

Da Beleza ou do Sistema Nervoso dos Peixes
2007

Estreia
Espaço Viga
São Paulo, Brasil

2008

Espectáculo
Fábrica Braço de Prata
Lisboa, Portugal

2009

Espectáculo
Teatro Taborda
Lisboa, Portugal